

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de S. Paulo

Class.: 12 R 00001

Data: 18/02/79

Pg.: _____

Cerrados podem salvar Amazônia

LUIZ ROBERTO TOMMASI
do Instituto Oceanográfico da USP

Tenho frequentemente sido indagado do porquê de tanto interesse em se explorar a floresta amazônica. Muito simples: porque ela oferece formidáveis riquezas, para as quais vários países e multinacionais, por diversas vezes, voltaram suas tenazes. Basta lembrarmos de que a floresta amazônica possui reservas de minério de ferro, manganês, cassiterita, bauxita, caulim, calcário, salgema, ouro, valendo mais de 1 bilhão de dólares. E quanto ao petróleo? As reservas de madeira são muito grandes, com um potencial acima de 90 milhões de dólares. As possibilidades da aquicultura, como do peixe boi e de muitas outras espécies, são extremamente promissoras, sem nos esquecermos das declarações do prof. Warwick Kerr durante seminário patrocinado pela Academia de Ciências do Estado de São Paulo, de que culturas experimentais de várias espécies de frutas têm dado resultados surpreendentes. O potencial hidrelétrico é indiscutível.

Com toda essa imensa riqueza, quando vemos o povo brasileiro carente de alimento, quando vemos a necessidade de aumentarmos a produção de sua riqueza, elevar o nível socioeconômico de nossas populações, porque então não explorar a região amazônica? Porque não ir buscar nela, pelo menos, grande parte das divisas de que tanto necessitamos? Por um motivo muito simples: não sabemos ainda, como explorar, como manejar os recursos dessa região, sem provocar uma verdadeira catástrofe ecológica, que com grande probabilidade, levaria a uma rápida desertificação da região, determinando profundas mudanças climáticas que poderiam afetar toda a economia nacional, graças a mudanças no balanço hídrico do norte brasileiro. O que precisamos com a maior urgência possível, é estimular o estudo da Amazônia, a formação (em alto nível), de ecologistas, de engenheiros florestais, de agrônomos, de geólogos, para então, quando tivermos um sólido conhecimento da região, podermos efetuar um planejamento ecologicamente correto do uso das inúmeras oportunidades das riquezas que a Amazônia nos oferece. Hoje, não podemos fazê-lo, pois não sabemos como fazer. E não sou eu quem o diz. Os mais renomados pesquisadores nacionais, homens da estatura de um Paulo Nogueira Neto, Warwick Kerr, José Cândido de Melo Carvalho, Mário Guimarães Ferri e outros já se manifestaram contra a exploração da floresta amazônica no nosso nível atual de conhecimento sobre a mesma. E por isso que Paulo Nogueira Neto corretamente declarou que os pretensos contratos de risco são, em realidade, contratos de destruição, de degradação, de desastre ecológico.

IMPORTANCIA DO CERRADO

Mas, perguntará o leitor, se por enquanto devemos conservar intata a Amazônia, até termos os recursos humanos adequados para estudá-la, até termos toda uma massa de informações científicas sobre a mesma, como poderemos satisfazer nossas urgentes necessidades? Muito fácil: temos muito mais ao nosso alcance, numa imensa área do país, cobrindo cerca de 1.800.000 quilômetros quadrados, uma outra formação vegetal, os cerrados, que distintos pesquisadores da escola de Rawitscher, Ferri e outros, vem estudando por mais de 30 anos. Uma imensa área, praticamente não utilizada, mas que oferece inúmeras perspectivas agropecuárias. Além disso, como os cerrados ocupam praticamente o meio do Brasil, seu desenvolvimento poderia absorver inúmeros imigrantes de áreas mais pobres, do nordeste, resolvendo o problema social das periferias das grandes cidades do sudeste e sul do Brasil, como São Paulo, que os abrigam de forma extremamente precária e onde a mortalidade infantil é uma das mais elevadas do mundo.

Os cerrados ocupam hoje imensa área que vai do Mato Grosso até o Maranhão, com formações isoladas em Roraima, Amapá, São Paulo, etc. E limitrofe de nossos grandes centros urbanos. Como as atuais áreas agrícolas do centro, sudeste, sul e nordeste, estão lotadas, somente sendo possível passar a acupar terras menos produtivas ou através de tecnologias agrícolas cada vez mais sofisticadas, torna-se inadiável nosso apelo ao Polocentro, a esse extremamente importante projeto que visa desenvolver os cerrados. Além do mais, seria uma sucessão lógica, passarmos de nossas atuais áreas agrícolas para os cerrados e daí, então, num futuro, para nossas florestas tropicais.

A topografia geralmente suave dos cerrados auxiliaria em muito as práticas agrícolas. Seus solos são rasos como na Amazônia. Sua textura varia da argila à arenosa, sendo que estes seriam os que irão requerer mais cuidados.

Os cerrados, ao contrário do que muitos pensam não são pobres em água. Sua vegetação não se comporta como adaptada a condições de seca, não é portanto xerofítica, mas antes disso, muito mais parecida com a flora de brejos. Aliás, Ferri comparou as condições do cerrado com as de um brejo que fosse seprado da superfície por uma camada de solo que anualmente secaria durante algum tempo. Como as plantas do cerrado possuem raízes profundas, elas ultrapassam essa camada seca, atingem a camada com água e não possuem então problemas de falta d'água, mas de deficiências nutricionais do solo, agravadas pelo alto teor de alumínio. É então um pseudoxerofitismo. Falta d'água ocorre nas caatingas, mas não nos cerrados.

Os solos do cerrado são muito intemperizados, com poucas bases e fósforo. São solos de baixa fertilidade, solos ácidos, com pouca capacidade de trocas. Esse é o problema básico a ser resolvido para a implantação de culturas em larga escala nos cerrados. Eles necessitam ser corrigidos, fertilizados. Muitos estudos estão sendo desenvolvidos nesse sentido, com adubação por N.P.K. em combinações diversas, com calcário dolomítico e calcítico, com adubação verde (tetrófia, mucuna preta, capim Jaraguá, etc.) com adubação orgânica (lixo e esterco), etc.

EXPLORAR A AMAZONIA

Entre as plantas que estão sendo cultivadas nos cerrados, muitas vezes ainda em pequena escala, estão o algodão, o alho, o amendoim, o arroz a batata-doce, a batatinha, o café, a cana-de-açúcar, o cará, o feijão, o fumo, a mandioca, o milho, a soja, o trigo, o abacaxi, o eucalipto, essências vegetais, etc. São promissoras as perspectivas da pecuária, da avicultura. Inclusive para a produção de adubo. As aves, por exemplo, consomem até atingirem 70 dias de idade, 4,5 toneladas de alimento concentrado, rico em nitrogênio, fósforo, cálcio, potássio, manganês, cobre e ferro. Devolvem cerca de 80% do mesmo sob a forma de esterco puro. Assim, a cada 70 dias, 2.000 frangos produzirão adubo suficiente para aplicarmos num hectare de terras, ou seja, o equivalente a 100 kg de nitrogênio. Poderíamos, com propriedades muito maiores, com 30.000 frangos, produzindo, então, grandes quantidades de adubo orgânico. Poderíamos, assim, desenvolver práticas de agricultura biodinâmica, cujo uso é milenar na China, disseminado na Índia e que aumenta em países como o Canadá, EUA, França, Alemanha, Inglaterra e Itália. No Brasil, a estudos sobre essas práticas sendo desenvolvidas no sul de Goiás, no Distrito Federal, no Triângulo Mineiro, próximo de Belo Horizonte, etc.

Entre os estudos que têm merecido prioridade para o aproveitamento dos cerrados, estão: 1. alimentação do gado no período da seca; 2. produção de forrageiras; 3. formação de pastagens; 4. utilização da mandioca no arraçãoamento; 5. aumento da produção do arroz, milho, feijão, soja, desenvolvimento da horticultura, da fruticultura; 6. estudos sobre a fertilidade dos solos; 7. estudos sobre a água no solo, etc.

Quando nos unimos aos que defendem a exploração dos cerrados como alternativa plenamente válida a exploração atual da Amazônia, não estamos desejando que a mesma se transforme num museu, não defendemos que o Brasil abdique de suas riquezas inúmeras, o que desejamos é que a comunidade científica nacional possa suprir suas deficiências e desenvolver as bases para uma correta exploração dos inúmeros recursos renováveis que a Hiléia nos oferece. Utilizá-la agora, será correremos o trágico risco de desenvolver na América do Sul um novo deserto do Saara.

Temos de, rapidamente, mas com sólidas bases científicas, desenvolver uma política que integre harmoniosamente a agricultura, o habitat animal, as atividades florestais, o manejo correto da vida selvagem, da pesca, a exploração dos recursos naturais, o turismo, a recreação, a preservação de áreas como reservas, ou parques naturais, o preservar o importantíssimo banco de genes que é a região. Somente quando dispusermos de condições para isso, é que teremos o direito, perante nossas futuras gerações, de explorar a região amazônica. Até que isso seja possível, aí estão os cerrados, sobre os quais acabamos de ter mais um importante simpósio (em Brasília), aguardando que pelo menos numa e extremamente importante vez, pensemos com sensatez, sobre a exploração de nossas reservas naturais.

Com a floresta amazônica, vemos o país sofrendo problemas climáticos graves. Destruindo a floresta amazônica, qual será a extensão dessas calamidades?